

## PERCEPÇÕES SOBRE SUSTENTABILIDADE NO ORKUT

### SUSTAINABILITY'S PERCEPTION AT ORKUT

Adriana de Faria e Sousa<sup>1</sup>

**Resumo :** O termo sustentabilidade tem sido tratado pelos estudiosos de administração sob diferentes perspectivas. Em linhas gerais, trata-se da forma como as organizações estruturam seus processos de produção respeitando o equilíbrio entre os fatores econômicos, sociais e ambientais. Enquanto a academia discute conceitos, a mídia dá espaço para ações concretas de empresas e cada vez mais cidadãos se organizam para também dar sua contribuição ao tema, em especial no ambiente virtual. O objetivo deste estudo é analisar de que maneira comunidades virtuais criadas na internet discutem a questão de sustentabilidade. Foram analisadas comunidades do site de relacionamento Orkut, que reúne grande número de participantes no Brasil. Foi constatado que predominam as discussões focadas nas dimensões ambientais e sociais, em detrimento da econômica e que, assim como na academia, o termo tem múltiplos sentidos e encontra-se em construção.

**Palavras-chave:** sustentabilidade; comunidades virtuais; redes sociais; orkut.

**Abstract:** The expression sustainability has been considered by management researchers under diverse perspectives. In general, it reflects the way companies manage their productive process respecting the balance between social, environmental and economical aspects. While academy discuss the concepts, the media releases some company's concrete actions and citizens are increasingly organizing themselves to give their contribution to the subject, mostly in the virtual space. This study's purpose is to analyze how virtual communities created in the web think about the sustainability issue. It analyzed communities from the social media Orkut, which aggregate a great number of participants from Brazil. It was concluded that most of the discussion were concentrated in social and environmental dimension, and less in the economical one. In the same way that occurs in the university, the word has multiple meanings and they are under construction.

**Key-words:** sustainability; virtual communities; social media; orkut.

### 1. Introdução

Sustentabilidade tem se transformado aos poucos em um desses temas sobre os quais quase todas as pessoas têm algo a dizer. Do empresário (que investe milhões de reais em programas de gestão ambiental e relacionamento com a comunidade) à dona de casa (que leva sua sacola retornável aos supermercados e à feira), cada vez mais pessoas e organizações dizem adotar práticas sustentáveis, levar uma vida sustentável, trabalhar em uma empresa sustentável. Apagar a luz ao sair de um ambiente, economizar água na hora do banho, investir na preservação de uma floresta ou na educação da população carente, separar e reciclar lixo:

---

<sup>1</sup> Mestranda em Administração na Universidade Federal de Uberlândia, especialista em Gestão de Processos Comunicacionais (USP) e em Comunicação Empresarial (Unitri), graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina. Professora do curso de Relações Públicas da Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (ESAMC) - Unidade Uberlândia/MG. E-mail: adriana.sousa@esamc.br.

tudo isso são práticas cotidianas - individuais ou corporativas - que acabam sendo abarcadas pelo termo sustentabilidade.

Essa utilização multifacetada corrobora o que se encontra em Paehlke (2005) a respeito de ser considerado, do ponto de vista das ciências sociais, um conceito amorfo, com múltiplos significados. Um ponto de convergência é o que se baseia no equilíbrio entre os fatores econômicos, sociais e ambientais dos processos produtivos, capazes de conciliar a perpetuação do sistema de produção e a gestão dos recursos finitos da natureza (SACHS, 2002; CLARO, CLARO e AMÂNCIO, 2005; CUOCO, TOSINI e VENTURA, 2006).

A imprensa contribui fortemente para tornar o conceito de sustentabilidade algo cada vez mais próximo da vida das pessoas e empresas. Paralelamente, reforça a divulgação de temas relacionados às dimensões social e ambiental, em detrimento da econômica.

Se no campo da imprensa - pautado pela pretensa credibilidade e nível intelectual mais elevado - o termo é definido predominantemente pelas suas dimensões ambiental e social, o que dizer do que acontece no ambiente virtual e anárquico da internet? Este é o objetivo deste estudo, que analisou como os participantes de comunidades virtuais da rede de relacionamento social orkut ([www.orkut.com](http://www.orkut.com)) abordam o tema sustentabilidade.

No levantamento, foi identificado um universo de 96 comunidades que carregavam a nomenclatura sustentabilidade (isoladamente ou associado a outras palavras), totalizando mais de 79 mil participantes, considerando-se o Brasil e a língua portuguesa como filtro de pesquisa. A partir de critérios arbitrários para a delimitação, que serão detalhados adiante, foram selecionadas 19 comunidades como objeto deste estudo.

Na primeira parte deste trabalho serão apresentadas perspectivas presentes na literatura acerca de sustentabilidade e das relações entre as pessoas na era da internet. Na segunda parte, será feita a descrição de como o tema é tratado pela mídia. Numa terceira etapa, como aparece na rede social orkut. Em seguida, serão apresentadas as considerações finais.

## **2. Perspectivas acerca de sustentabilidade**

### **2.1. Sociedade em transição**

Sociedade transparente, pós-moderna, da comunicação, do conhecimento, da informação. Esses são alguns termos que Vattimo (1992, p. 22) utilizou para descrever a configuração de uma sociedade onde cresce a importância da tecnologia e seu papel na mediação das relações do homem com o mundo que o cerca. O autor define tecnologia como

“sistemas de recolha e transmissão de informações” e modernidade como um processo de imagens construídas pelos grupos sociais e que são compartilhadas, criando sentidos diversificados, de acordo com a cultura dos atores envolvidos.

Hall (1999) utilizou o termo “modernidade tardia” para caracterizar as sociedades modernas, que são marcadas pela mudança constante, rápida e permanente, além da crescente interconexão entre pessoas, empresas e países. Isso provoca transformações sociais que se reverberam pelo planeta em pouco tempo. O advento da comunicação via internet é uma dessas transformações, que vem alterando significativamente os processos de interação humana, sejam eles comerciais, pessoais, religiosos, econômicos, profissionais, entre outros.

O mundo virtual, segundo Rheingold (1993), é um espaço onde as pessoas repetem comportamentos e atitudes do mundo real. Para o autor, “pessoas nas comunidades virtuais fazem exatamente tudo o que as pessoas fazem no mundo real, mas deixam seu corpo de lado”<sup>2</sup>. Ferramentas como comércio eletrônico reproduzem o processo de compra e venda de mercadorias. Blogs são diários digitais onde as pessoas escolhem compartilhar seus pensamentos com o mundo. Redes de relacionamento são agrupamentos de pessoas em um determinado local no ciberespaço. Baccega (1995, p. 35) resume da seguinte maneira essa tendência: “[...] todas as mudanças garantem uma dose de permanência do passado, já que no cotidiano gesta-se o novo a partir do que é, a partir do que está. Ou seja: o novo está contido nas possibilidades do velho”.

A tecnologia e as mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas trouxeram novas configurações à vida em sociedade. Informações locais, regionais e globais circulam pelo planeta por redes de comunicação cada vez mais rápidas e tecnologicamente avançadas, quer pela tela do computador, quer pelo celular, televisão, rádio. Essas mudanças levaram ao surgimento de novos campos de estudos, entre eles o da cibercultura, derivada do termo ciberespaço, definido por Lévy (1999, p. 92) como o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Para ele, a codificação digital da informação é o que caracteriza este espaço. O autor profetizou na obra Cibercultura (1999) que a digitalização tornaria “o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século” (LÉVY, 1999, p. 93). Dez anos passados e convive-se com esta realidade na atual sociedade.

Cibercultura pode ser definida como o conjunto dos intercâmbios que acontecem neste espaço virtual e contribuem para uma transformação no ambiente social, independente de

---

<sup>2</sup> Extraído da versão on line do livro *The Virtual Community*, de Howard Rheingold. Sem paginação específica. Tradução da autora.

fronteiras geográficas, culturais e econômicas. Lévy (1999, p. 248) defende que ela “inventa uma outra forma de fazer advir a presença virtual do humano frente a si mesmo”. O autor descreve a história da humanidade de acordo com três tipos de organização social: a das pequenas sociedades fechadas, a das sociedades civilizadas e a da cibercultura, caracterizada por ser simultaneamente local e universal.

Para Quéau (In: MORIN, 1998, p. 461) “a essência da cibercultura está ligada à apreensão do global, do mundial e, in fine, do universal. [...] O que é novo, agora, é que a cibercultura utiliza meios de nosso tempo para agir sobre os problemas de nossa época”. É o que acontece, por exemplo, nas comunidades virtuais que discutem o tema da sustentabilidade, objeto deste estudo. Outro aspecto importante abordado pelo autor é a democratização do acesso à informação como uma das consequências positivas da revolução cultural provocada pelas novas tecnologias, que se colocam a serviço para a mediação das relações do homem entre si e dele com o mundo exterior.

A internet caracteriza-se por ser um exemplo desta democracia multifacetada, pelo local paralelo ao universal, por dar voz a qualquer um que tenha acesso aos recursos tecnológicos necessários, independente do compromisso ou não com a veracidade, continuidade e concretude das discussões. É neste contexto de sociedades em transição que o termo sustentabilidade ganha espaço.

## **2.2. Perspectivas paradigmáticas**

A origem dos conceitos de sustentabilidade remonta às discussões científicas e sociais acerca do uso dos recursos naturais do planeta, que caminhariam para um esgotamento caso o ritmo do desenvolvimento econômico continuasse a não considerar essa possibilidade, como era usual nas décadas anteriores a 1980.

Egri e Pinfield (In: CLEGG; HARDY; NORD, 1998) discutem alguns aspectos sobre o tema organizando-os de acordo com paradigmas ambientais. O Paradigma Social Dominante consiste na linha de pensamento segundo a qual os recursos naturais estão a serviço do homem e devem ser explorados sempre que o resultado for desenvolvimento. Neste contexto, os recursos são fontes inesgotáveis e não existe foco em sua renovação. O Paradigma do Ambientalismo Radical consiste na defesa de uma mudança radical na forma de viver da sociedade, com redução de consumo, de produção industrial e da exploração dos recursos naturais. Já no Paradigma do Ambientalismo Renovado busca-se um caminho do

meio, onde o desenvolvimento econômico é possível desde que haja equilíbrio entre os fatores econômicos, ambientais e sociais.

Os autores reforçam que os paradigmas são marcos conceituais e que nenhum deles é melhor ou pior, certo ou errado. São apenas formas de propor categorias para organizar a reflexão sobre os grupos que discutem a questão da preservação ambiental e a sobrevivência do homem no planeta, explorando recursos finitos e renováveis.

Outros teóricos seguiram essa mesma linha. Para citar um exemplo brasileiro, tomou-se a obra de Veiga (2005), que apresenta uma classificação de como se organizam os atores sociais em relação ao meio ambiente. De um lado, existe um grupo que acredita que não existem dilemas entre conservação ambiental e desenvolvimento econômico, sendo que este último pode contribuir para minimizar os danos ao ambiente e melhorar a qualidade de vida das pessoas. No outro extremo, um grupo que acredita ser impossível essa conciliação, visto que a única maneira de preservar o meio ambiente é pela eliminação da exploração dos recursos naturais, redução do consumo, do desemprego e da pobreza. No caminho do meio formou-se o grupo que defende ser possível o equilíbrio entre preservação da natureza e desenvolvimento econômico, por meio de processos sustentáveis.

Esses diferentes grupos, segundo Sachs (2002), tiveram origem na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, em 1972. Para o autor, foi a partir deste encontro que a preocupação com o meio ambiente passou a fazer parte de discussões internacionais pela via de soluções intermediárias, que descartavam as posições extremistas.

### **2.3. Perspectivas conceituais**

Da mesma forma que existem diferentes abordagens para a ideia de sustentabilidade, há também uma diversidade de conceitos para definir o tema. Em especial, um deles é considerado um dos marcos fundadores das discussões acerca do assunto (MEADOWS, MEADOWS e RANDERS, 1992; SACHS, 2002; CUOCO, TOSINI e VENTURA, 2006; GUIMARÃES In: GARAY e BECKER, 2006; ESTENDER e PITTA, 2008).

Trata-se da definição encontrada no relatório Nosso Futuro Comum, de 1987, apresentado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que ficou conhecida como Comissão Brundtland<sup>3</sup>: “Desenvolvimento sustentável é o que atende às

---

<sup>3</sup> A comissão foi presidida por Gro Harlem Brundtland, na época primeira Ministra da Noruega.

necessidades do presente sem comprometer a habilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades”.<sup>4</sup>

Embora seja o conceito mais difundido, ele não é considerado necessariamente o mais aceito, correto ou completo (CLARO; CLARO; AMÂNCIO, 2005). Para Veiga (2005) os esforços em torno da difusão do conceito da Comissão Brundtland consistiram em um processo de legitimação movido por interesses em se consolidar a expressão “desenvolvimento sustentável”.

Meadows, Meadows e Randers (1992) dizem que uma sociedade é sustentável quando pode persistir durante diferentes gerações, quando tem uma visão de longo prazo suficiente, que é flexível e sábia para não esgotar seus sistemas de suporte físicos ou sociais. São considerados sistemas de suporte os recursos naturais (renováveis ou não) necessários para alimentar, abrigar e manter as populações com qualidade de vida suficiente.

Os autores também resgatam o conceito da Comissão Brundtland e propõem alguns aspectos que devem ser considerados para se construir uma sociedade sustentável: monitoramento constante de indicadores de crescimento populacional, uso dos recursos naturais renováveis e não renováveis e mudanças climáticas; aumentar a velocidade das respostas necessárias quando houver iminência do esgotamento de recursos; minimizar o uso dos recursos não renováveis; prevenir a erosão e o esgotamento dos recursos renováveis; usar todos os recursos com a máxima eficiência; reduzir o crescimento populacional; minimizar a pobreza, o desemprego e o consumo de bens desnecessários, provenientes dos imperativos mercadológicos e de status dos tempos modernos.

Segundo Barbieri (1997, p. 38), “o conceito tradicional de Sustentabilidade tem sua origem nas Ciências Biológicas e aplica-se aos recursos renováveis, principalmente os que podem se exaurir pela exploração descontrolada”. Para o autor, trata-se da capacidade humana de avaliar o ciclo de renovação dos recursos naturais a fim de definir limites seguros para sua exploração, minimizando as possibilidades de que estes se esgotem.

O conceito de sustentabilidade varia de acordo com a leitura que indivíduos e empresas fazem dele e de seu significado em seu cotidiano. Para Paehkle (2005), trata-se de uma definição amorfa no campo das ciências sociais, ainda sem um significado definitivo. (TEMPLE, 1992 e DALY, 1996 apud CLARO, CLARO e AMÂNCIO, 2005) dizem que o termo significa tudo e nada ao mesmo tempo e que muitos o utilizam sem ter a clareza

---

<sup>4</sup> Extraído do Relatório “*Our Common Future, Chapter 2: Towards Sustainable Development*”. Disponível no website “*UN Documents Cooperation Circles*” (<http://www.un-documents.net>) em 08/08/2009. Tradução da autora.

necessária do que se trata, simplesmente porque tem crescido em popularidade, em especial pela cobertura da mídia.

Rattner (1999) discute que a falta de consistência em torno das definições de sustentabilidade tem a ver com a dificuldade da sociedade em estabelecer planos e programas de ação coerentes com as necessidades emergentes de um conceito de desenvolvimento social mais baseado no homem. Para ele, falta, sobretudo, coerência às discussões sobre o tema, bem como uma análise na dimensão temporal, comparando o contexto ecológico e sócio-cultural de diferentes épocas para se traçar planos de desenvolvimento no futuro.

Indo além do reducionismo do conceito da Comissão Brundtland, Enriquez (1997, p. 16) relembra que o homem, enquanto ator social é responsável tanto pelos impactos que suas ações no presente têm sobre as gerações futuras, como também pela forma como trata o passado. O autor não trata da sustentabilidade, mas de responsabilidade (do homem, das empresas) quando diz que “ser responsável é encarregar-se das dívidas (e dos créditos) das gerações passadas para não cair num mecanismo de repetição do qual as gerações futuras só teriam a sofrer”.

Considerando-se o aspecto semântico em torno do conceito de sustentabilidade, encontra-se nos estudos de análise de discurso de Baccega (1995) que

o sentido de uma palavra nasce, produz-se, em geral, a partir de mudanças sociais, a partir de novas teorias, a partir de conteúdos novos - de novas ações humanas enfim. Essas novas ações brotam a cada momento no cotidiano, muitas vezes num processo lento, outras vezes rapidamente, de acordo com o momento histórico (BACCEGA, 1995, p. 32).

Neste sentido, mais de vinte anos se passaram desde a elaboração daquele que é considerado o conceito fundador de sustentabilidade. Embora exista uma predominância pela sua adoção, trata-se de um campo ainda aberto às influências das mudanças sociais e dos estudos acadêmicos, movidos em parte pelo comportamento de empresas e consumidores em relação ao uso dos recursos do planeta. Sachs (2002, p. 54) considera que, independente da nomenclatura, o conceito variou pouco ao longo do tempo e dos encontros globais em que foi discutido. Para ele, a “abordagem fundamentada na harmonização de objetivos sociais, ambientais e econômicos” continua válida, conforme será abordado a seguir.

#### **2.4. Perspectivas das dimensões econômica, social e ambiental**

Se por um lado existem conceitos variados a respeito de sustentabilidade, existe nas discussões um ponto de convergência que se baseia no equilíbrio entre os fatores econômicos, sociais e ambientais dos processos produtivos, capazes de permitir a perpetuação do sistema de produção vigente e a melhor gestão dos recursos finitos da natureza (SACHS, 2002; CLARO, CLARO e AMÂNCIO, 2005; CUOCO, TOSINI e VENTURA, 2006).

Para Claro, Claro e Amâncio (2005) a dimensão ecológica ou ambiental está dividida em três subdimensões: ciência ambiental; qualidade do ar e da água; conservação e administração de recursos renováveis e não renováveis. Já a dimensão econômica contempla a economia formal e informal, que geram receita para manter o padrão de vida e consumo dos indivíduos. A dimensão social trata das pessoas, tanto no ambiente organizacional quanto fora dele. O foco dessa dimensão está em como a atividade organizacional pode estar a serviço da melhoria das condições de vida das comunidades.

Guimarães (In: GARAY; BECKER, 2006) defende um modelo de desenvolvimento sustentável onde as pessoas ocupam o centro das discussões. Neste sentido, acrescenta uma dimensão cultural, que preserva os “valores, práticas e símbolos de identidade que determinam a integração nacional através dos tempos” e uma dimensão política, que visa “aprofundar a democracia e garantir o acesso e a participação de todos na tomada de decisões” (GUIMARÃES In: GARAY; BECKER, 2006, p. 30-31). Embora seja um conceito que ganhou força através das instituições, sustentabilidade hoje é algo que faz parte da vida e do dia-a-dia das pessoas comuns. Prova disso é a quantidade de discussões sobre o tema em meios diversificados, como a academia, a mídia, a internet.

Sachs (2002) apresenta oito critérios parciais de sustentabilidade, que incluem os citados anteriormente: econômico, social, ambiental, cultural, ecológica (preservação dos recursos renováveis e redução do consumo dos não-renováveis); territorial (melhor balanceamento entre áreas rurais e urbanas, mais qualidade de vida nas cidades, cuidado com ecossistemas frágeis e superação de diferenças regionais). No critério político, o autor abrange também as questões internacionais, como o fim das guerras étnicas e territoriais e maior equidade nas negociações entre países.

Considerando-se a busca de equilíbrio e harmonia entre diferentes dimensões, as discussões na área situam-se na perspectiva do Ambientalismo Renovado (EGRI e PINFIELD In: CLEGG; HARDY; NORD, 1998), cujos teóricos buscam conciliar a necessidade de desenvolvimento econômico à preservação dos recursos naturais finitos, pensando nas condições de vida das gerações futuras. Caincross (1992) ilustra essa conciliação citando um



relatório desenvolvido pelo Banco Mundial em 1992, especialmente para a Rio-92, mostrando o quanto os temas são próximos: “Desenvolvimento ambiental e gestão ambiental nas empresas são aspectos de uma mesma agenda. Sem adequada proteção ambiental, o desenvolvimento será menor que o esperado; sem desenvolvimento, a proteção ao ambiente irá falhar” (CAINCROSS, 1992, p. 15)<sup>5</sup>. Em outro trabalho, a autora cita o chamado Paradoxo da Tecnologia, segundo o qual o desenvolvimento industrial causa problemas ao meio ambiente, mas também oferece maneiras de minimizar os prejuízos e contribuir para a melhoria da qualidade de vida no planeta.

Críticos do Ambientalismo Renovado, em especial os que se enquadram na perspectiva do Ambientalismo Radical, apontam que é difícil defender o modelo no qual está calcado o termo sustentabilidade em função dessa incoerência entre a destruição ambiental e social provocada pelo desenvolvimento econômico. Por exemplo, o corte de milhares de árvores para a fabricação de papéis justificaria qualquer ação ambiental e social da indústria de papel e celulose? Sob esse olhar, práticas sustentáveis seriam relacionadas à mudança no patamar de consumismo e na busca de alternativas de vida em sociedade que não gerassem impacto, ao contrário das que apenas os mitigam.

Para Rattner (1999, p.1), os discursos políticos e científicos que definem sustentabilidade como algo “economicamente viável, socialmente equitativo e ecologicamente sustentável” não resulta necessariamente na conciliação entre os impactos causados pela produção industrial e suas compensações. Além disso, é necessário levar em conta o crescimento populacional e suas relações com o aumento das carências entre as populações mais pobres e do consumismo e geração de resíduos entre os mais abastados.

Dentro de uma perspectiva radical, Rattner (1999, p. 6) defende que práticas sustentáveis só serão possíveis a partir do momento em que forem redefinidos “os significados de riqueza e progresso face a uma visão de vida e de sociedade mais integrada e sistêmica”. Como em todo campo que está em construção, o da sustentabilidade é permeado por contradições e está aberto para discussões que ajudem a consolidá-lo.

Cuoco, Tosini e Ventura (2006) traçam uma perspectiva histórica acerca do amadurecimento das discussões sobre as questões ambientais e seu impacto sobre o desenvolvimento econômico. Dizem que as questões sociais e ambientais sempre foram dissociadas no mundo dos negócios e só passaram a convergir a partir das pressões de ambientalistas que tiveram início em meados da década de 1970. Também contribuíram o

---

<sup>5</sup> Tradução livre.

aumento do impacto da degradação ambiental sobre a vida em sociedade e o crescimento das populações, que consomem cada vez mais recursos do planeta.

### **3. Aspectos metodológicos**

Para Rheingold (1993) comunidades virtuais são “agregações sociais que emergem da rede quando um número suficiente de pessoas conduz discussões públicas longas o bastante, com suficiente sentimento humano para formar teias de relações humanas no ciberespaço.”<sup>6</sup> Lévy (1999, p. 124) considera que um dos objetivos do ciberespaço é criar, por meio da tecnologia e das redes de computadores, “um tipo particular de relação entre as pessoas”. Em parte essa interação é estabelecida por meio das comunidades virtuais, que são construídas sobre “afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (LEVY, 1999, p. 127).

Peruzo (2002) informa que existe uma discussão entre teóricos a respeito dessas comunidades estabelecidas na internet poderem ser consideradas como tal, dentro da definição sociológica de agrupamentos de pessoas em torno de objetivos comuns. Neste sentido, ela considera que o termo redes sociais é mais adequado que o de comunidades.

Recuero (2005, p. 2) define redes sociais como um conjunto de dois elementos: “atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões”. Para se relacionarem, pessoas e empresas utilizam ferramentas de comunicação mediadas pelo computador, como sites de relacionamento. Rheingold (1993), considera que as redes funcionam como espécies de ecossistemas ou subculturas - algumas frívolas, outras sérias - que não podem ser avaliadas de uma maneira uniforme, dada sua diversidade.

Como citado anteriormente, para o presente estudo foi feita uma análise das comunidades virtuais existentes na rede social orkut ([www.orkut.com](http://www.orkut.com)) que, segundo definição de Recuero:

[...] é um software social [...] criado em janeiro de 2004, por Orkut Buyukkokten [...] funciona basicamente através de perfis e comunidades. Os perfis são criados pelas pessoas ao se cadastrar, que indicam também quem são seus amigos. As comunidades são criadas pelos indivíduos e podem agregar grupos, funcionando como fóruns, com tópicos (nova pasta de assunto) e mensagens (que ficam dentro da pasta do assunto) (RECUERO, 2005, p. 91).

---

<sup>6</sup> Tradução livre.

Bergo e Reis (2008) afirmam que se trata de um espaço onde se discute sobre todo e qualquer assunto. As comunidades são pautadas pela diversidade de pessoas do mundo todo que se agrupam e se inscrevem em temas com os quais sentem algum tipo de afinidade, sem ter necessariamente uma participação ativa. Para as autoras, a criação de comunidades virtuais no orkut acontece na mesma medida em que determinados temas ganham força na sociedade, quer pela influência da mídia, da vida acadêmica ou das discussões presentes no cotidiano.

Recuero (2007) propõe uma tipologia das redes sociais, centradas na interação ou no fortalecimento da identidade. Este último reflete o que acontece no orkut, onde as pessoas se congregam em comunidades, mesmo que com pouca ou nenhuma participação, como forma de mostrar que possuem um determinado interesse em comum.

Dados do site do orkut informam que as 50 principais comunidades da rede somam mais de 37 milhões de membros e aproximadamente 1,3 milhão de visitantes por dia<sup>7</sup>. Os brasileiros são os mais assíduos, correspondendo a 49,67% do total de usuários no mundo todo. Não existem informações sobre o número total de usuários, devido à própria característica da rede, onde é possível a criação de perfis diversificados de uma mesma pessoa, perfis falsos, perfis de empresas, entre várias outras possibilidades.

### **3.1. Delimitação**

Para este estudo, foram selecionadas 19 comunidades virtuais no orkut<sup>8</sup>. Em comum, elas tinham a palavra sustentabilidade como parte de sua nomenclatura. Inicialmente, foram identificadas 96 delas, tendo-se adotado como filtros de pesquisa o país de origem (Brasil) e o idioma “falado” pela comunidade (Língua Portuguesa).

A partir do corpus de pesquisa (BAUER; GASKELL, 2002), surgiu a necessidade de se fazer um novo recorte, desta vez em relação ao número de membros inscritos. Optou-se por avaliar comunidades com mais de 50 participantes, o que resultou em um grupo de 19. A opção de delimitar a partir do número de membros foi feita em função do esvaziamento dos grupos menores. Em análise preliminar, notou-se que quanto menor o número de pessoas inscritas, menor o volume de participação e mais vazias as comunidades.

---

<sup>7</sup> Dados relativos a 2006, consultados em 27 de julho de 2009.

<sup>8</sup> A pesquisa no orkut foi realizada nos dias 3, 4 e 5 de julho de 2009. Como a internet é bastante dinâmica, estes dados podem variar quando de uma nova avaliação.

Quando se trata do número de pessoas inscritas, foram contabilizados 79.248 membros, sendo 78.335 nas que fazem parte do estudo. Em cada comunidade, foram avaliados o nome, dono (pessoa que criou o grupo), quantidade de membros, data de criação, definição, teor das cinco principais mensagens postadas e a existência ou não de enquetes.

A partir desta delimitação, desenvolveu-se uma pesquisa aplicada descritiva, onde foram analisadas as principais características das comunidades. Em seguida, foi desenvolvida a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) a partir das mensagens postadas pelos participantes e das enquetes.

### 3.2. Apresentação e discussão dos resultados

Das 19 comunidades identificadas, cinco tinham como nome apenas sustentabilidade. Uma sexta foi denominada “Sustentabilidade!”. Isso corresponde a 26,3% do universo avaliado. No caso das demais, foram detectadas similaridades (Educação e Sustentabilidade / Escola e Sustentabilidade; Reciclagem e Sustentabilidade / Reciclagem Sustentabilidade), mas não houve repetição dos nomes (Quadro 1).

Ambiente e Sustentabilidade	Casa Conceito - Sustentabilidade	CEBDS - Sustentabilidade
Educação e sustentabilidade	Escola de Sustentabilidade	Krieger Sustentabilidade
Reciclagem e sustentabilidade	Reciclagem sustentabilidade	Revista Sustentabilidade
Sustentabilidade (5)	Sustentabilidade - produtos	Sustentabilidade – vida
Sustentabilidade Ambiental	Sustentabilidade do Planeta	Sustentabilidade!

Quadro 1 - Nomenclatura das comunidades estudadas

O uso de termos complementares - como Ambiental, Vida, Reciclagem, Educação, Planeta, Ambiente, Produtos, Escola - reforça a maneira diversa como o conceito de sustentabilidade é visto na sociedade, como algo muito mais ligado às questões de preservação ambiental do que ao desenvolvimento social e econômico. Corroborando também a afirmação de Baccega (1995) acerca da forma como um termo consolida seu sentido, a partir de sua utilização em diferentes contextos e das mudanças sociais.

Apenas uma comunidade foi denominada Sustentabilidade - Produtos. Trata-se de uma empresa que comercializa móveis feitos com madeira de demolição, que criou a comunidade para vender seus produtos. O aspecto comercial da utilização das redes sociais é ainda um campo novo, mais estudado pelo mercado do que pela academia.

As primeiras comunidades identificadas no estudo datam de 2004, sendo que a mais antiga foi criada em maio. No total, cinco comunidades foram criadas naquele ano, o correspondente a 26,3% do universo avaliado (Quadro 2). Este mesmo número corresponde às comunidades criadas em 2007. O ano de 2006 registrou o menor número de comunidades criadas, apenas duas (10,5% do total). Não foram encontradas correlações entre as datas e a ocorrência de fatos específicos no campo da sustentabilidade que incentivassem a discussão virtual do tema.

Ano	2004	2005	2006	2007	2008
Quantidade	5	4	2	5	3
Percentual	26,30%	21,05%	10,50%	26,30%	15,70%

Quadro 2 - Data de criação das comunidades

A maior parte das comunidades foi criada por pessoas físicas (80%), enquanto 15% foram criadas por empresas para a divulgação de produtos “ambientalmente corretos”. Foi possível fazer essa classificação pela análise dos perfis dos criadores da comunidade, denominados “donos” ou “owners”. Este perfil é multifacetado, com pessoas de diferentes origens que gerenciam e participam de comunidades em alguns sentidos contraditórias, como ética, jogos eletrônicos e sustentabilidade. Aqui ocorre o que Recuero (2007) define como comunidades centradas na identidade, que deixa de exigir o investimento de tempo e troca de informações a partir do momento em que os laços são criados com outros membros. Em um dos grupos, não foi possível identificar a característica do dono.

Avaliando-se a quantidade de membros, a campeã de participação é denominada Reciclagem Sustentabilidade, com 66.398 afiliados. As duas próximas no ranking também receberam a mesma denominação - Sustentabilidade - e contam com 3.862 e 2.105 membros. A partir daí, os números caem gradativamente, até chegar a comunidades de um único membro, que não foram analisadas neste estudo. O grande número de participantes revela o que Bergo e Reis (2008) discutem a respeito de temas que estão em pauta na sociedade atraírem as pessoas para o mundo virtual.

Não foi observada associação entre a idade da comunidade e o número de membros. A mais antiga, que data de maio de 2004, tem apenas 3% do total de membros inscritos na mais procurada, criada um ano depois. As mais recentes foram todas criadas no mês de junho de 2008 e somam 746 membros.

### 3.3. Conceito de sustentabilidade

As comunidades virtuais do orkut sempre trazem uma apresentação inicial. Isso contribui para que os membros se identifiquem e associem. No universo das 19 comunidades analisadas, sete delas (36,8%) traziam na definição o conceito de sustentabilidade que se baseia no equilíbrio entre fatores econômicos, sociais e ambientais dos processos produtivos (SACHS, 2002; CLARO, CLARO e AMÂNCIO, 2005; CUOCO, TOSINI e VENTURA, 2006). Apenas para ilustrar, seguem dois exemplos:

Grupo destinado a discutir a sustentabilidade da vida na terra em todos os seus aspectos. Sejam eles *sociais, econômicos, ambientais, culturais* (grifo nosso). Prioridade para discussões processuais, troca de experiências de sucesso e também de fracasso, qualidade de vida (sem frescuras), políticas públicas de desenvolvimento e por aí vai. Este grupo não é esotérico, mas sim sistêmico. - Comunidade Sustentabilidade – 3.862 membros.

Outra comunidade, além de definir-se a partir do tripé que dá sustentação ao termo sustentabilidade, resgata o conceito da Comissão Brundtland:

Sustentabilidade se define como um princípio de uma sociedade que mantém as características necessárias para um sistema social justo, ambientalmente equilibrado e economicamente próspero por um período de tempo longo e indefinido. "O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades". Sustentabilidade: uma viagem sem volta, uma viagem sem fim. - Comunidade Sustentabilidade - 571 membros.

Uma parcela de seis comunidades (31,6 % da amostra) trata de aspectos do desenvolvimento sustentável, em especial dos ambientais e sociais, mas não se referem ao econômico. Em parte, remetem à necessidade de mudança de comportamento a partir do indivíduo, o que se situa em parte na dimensão política do termo, definida por Guimarães (In: GARAY; BECKER, 2006). Para ilustrar, um exemplo:

Esta comunidade é para todas as pessoas que estão dispostas a ajudar a mudar a realidade do nosso planeta, mobilizando amigos, colegas de trabalho e faculdade, na sua comunidade, em sua igreja em fim onde puder para contribuir com a sustentabilidade do nosso planeta .... Pessoas que se preocupam com a Economia da água... Economia da energia... Com a reciclagem de seu lixo... Que evita o uso das sacolas plásticas... Quem é solidário com pessoas que necessitam do mínimo para que possam viver com dignidade... Que é ou quer ser um consumidor Consciente... Que ajudam pessoas a viverem melhor... Que amam a sua vida e da natureza... Pessoas

que estão dispostas a ajudar... Pessoas que acreditam nelas mesmas... Conto com a sua ajuda... Faça a sua parte ...vamos mudar o futuro do nosso planeta... Pense nas futuras gerações... Pense em seus filhos... netos... bisnetos... haja... comece hoje... comece agora... - Comunidade Sustentabilidade do Planeta - 72 membros (foi mantida a grafia original do texto).

A divulgação de produtos e serviços está presente em 15,8% das comunidades estudadas, criadas exclusivamente com este fim. Foram identificadas uma escola de sustentabilidade para empresas, uma loja de móveis de madeira certificada e um projeto de casas ecológicas. Juntas, elas somam mais de oito mil membros. Isso pode apontar para uma tendência na área de marketing, embora ainda embrionária.

A comunidade Sustentabilidade Reciclagem, com mais de 66 mil membros, tem uma definição que não se enquadra em nenhuma das categorias, dada a sua falta de especificidade: “Jeito simples. Vivendo na natureza com sustentabilidade.”. Apesar disso, é a que concentra maior número de participantes. No Quadro 3, um resumo das características:

<b>Temas</b>	<b>Comunidades</b>	<b>Percentual</b>
Aspectos econômicos, sociais e ambientais	7	36,80%
Aspectos sociais e ambientais	6	31,60%
Divulgação de produtos e serviços	3	15,80%
Grupos profissionais / educação	2	10,50%
Genérico	1	5,26%

Quadro 3 - Perfil resumido das comunidades

Os indivíduos são atraídos para participar das comunidades de acordo com os interesses que compartilham com outras pessoas ou ainda de acordo com a relevância social que o tema tem para elas (RHEINGOLD, 1993; LEVY, 1999). A forma como as comunidades se definem contribui para formar os laços que mantém as pessoas conectadas, mesmo que isso aconteça apenas por pouco tempo, sem grandes compromissos, conforme avaliado por Recuero (2007), citado anteriormente.

### **3.4. Fóruns e enquetes**

Segundo Rheingold (1993) e Lévy (1999) as comunidades caracterizam-se por serem espaços de discussões virtuais entre os membros. Para isso, são usadas duas ferramentas: fóruns (ou discussões) e enquetes. Em cada uma das 19 comunidades analisadas, foram

estudados os cinco temas mais atuais dos fóruns (presentes na página inicial da comunidade) e as enquetes.

Em relação aos postings, adotou-se uma classificação de acordo com o que eles continham de mais relevante. A divulgação de cursos e congressos sobre sustentabilidade contou com 15 postings, seguido por discussões pertinentes ao tema (Quadro 4). Foram desconsiderados temas que apareceram uma única vez:

Tema	Quantidade
Oferta de cursos e congressos	15
Discussões pertinentes / busca de informações	8
Dicas de blogs / sites / artigos	7
Protestos	4
Promoções, campanhas e vídeos	8
Divulgação de projetos	5
Convites para comunidade	2

Quadro 4 - Temas mais frequentes nos postings

Em relação às enquetes, 42,1% das comunidades (um total de oito) aproveitaram essas ferramentas para conhecer a opinião dos membros sobre temas diversificados. Duas enquetes foram encontradas em mais de uma comunidade: “O que você já fez pelo planeta?” e “Que curso gostaria de assistir?”.

Os demais temas foram: carro ou transporte alternativo; consumo responsável; arquitetura e sustentabilidade; água da chuva para o nordeste; empresa Natura; caronas; qual dos Rs é mais importante; propaganda ECOTV; sugestão de temas para revista; definição de sustentabilidade; uso de sacolas plásticas; você se considera uma pessoa consciente; reciclagem de lixo; manejo sustentável; transposição do rio São Francisco; logomarca da comunidade. Essa diversidade confirma as observações de (TEMPLE; DALY apud CLARO, CLARO e AMÂNCIO, 2005) em relação ao fato de sustentabilidade significar tudo e nada ao mesmo tempo e de que muitos o utilizam sem ter a clareza necessária do que se trata, conforme citado anteriormente.

Assim como o conceito de sustentabilidade ainda se encontra em amadurecimento, o mesmo acontece com as discussões virtuais. O estudo demonstra a relevância do tema para mais de 70 mil pessoas que se propuseram a fazer parte de comunidades específicas. As enquetes refletem o caráter diverso da internet e reforçam o conceito de Bergo e Reis (2008) sobre ser um espaço onde cabem todas os tipos de discussão, sobre todos os assuntos.



Vale ressaltar que o teor das enquetes é voltado para atitudes individuais e não coletivas. A maior parte coloca perguntas como “O que você faz?”, “Qual sua opinião sobre?”. O foco principal das comunidades é a participação das pessoas, não das organizações. Esse fato confirma o que disse Guimarães (In: GARAY; BECKER, 2006) acerca da importância de se colocar o homem, e não unicamente o sistema produtivo, no centro das discussões.

Em relação a questões corporativas, foi identificada uma comunidade, denominada apenas “Sustentabilidade” que postou uma enquete sobre a empresa Natura, onde 45% dos 22 respondentes disseram considerar que ela usa o conceito de sustentabilidade para vender mais. Outra, sobre consumo consciente, teve a participação de 105 membros, dos quais 40% disseram que, independente do preço ou marca, levariam em consideração na hora da compra se um produto é social / ecologicamente responsável. Neste contexto, a decisão de compra se encaixa no contexto do Ambientalismo Renovado (EGRI e PINFIELD In: CLEGG; HARDY; NORD, 1998), onde o cidadão/consumidor leva em consideração não apenas o valor do produto ou o benefício que terá com ele, mas também a preocupação com a preservação ambiental.

#### **4. Conclusão**

A palavra sustentabilidade vem sendo bradada aos sete ventos como bálsamo capaz de curar males diversos, a máxima: “sou sustentável, logo, correto” impregnou o cotidiano, virando sinônimo de comportamento adequado, portanto, analisar quais os significados que ela assume pode orientar-nos no sentido de clarear o termo. O presente trabalho tem essa preocupação ao procurar entender como sustentabilidade vem sendo discutido em uma comunidade virtual.

O espaço virtual de disseminação da informação ainda é recente em nossa sociedade e não se pode negar que ele seja relevante quando se pretende consolidar conceitos. Portanto, o papel esclarecedor da educação (ou dos educadores como mediadores) parece fundamental neste contexto.

A própria característica democrática da internet permite que as comunidades se multipliquem sem grande compromisso com definições acadêmicas, coerência discursiva, de públicos e temas tratados. Embora 36,8% das comunidades recorram às três dimensões de sustentabilidade em suas definições, carece a elas, considerando-se o ponto de vista das discussões acadêmicas, maior profundidade das discussões e participação dos membros.

As evidências encontradas na pesquisa apontam uma minoria que participa ativamente e uma grande maioria que, apesar de identificar-se com o tema, não faz dele uma prática efetiva no campo das discussões no ambiente virtual. Isso acontece, em parte, em função dos laços frágeis que caracterizam o relacionamento entre as pessoas na internet. Da mesma maneira que se agregam em torno de um tema que está na moda, se desagregam quando seu interesse, por algum motivo, arrefece.

Uma parte das comunidades e dos postings são utilizados para fazer propaganda de cursos, palestras, congressos, produtos de apelo ecológico, dicas de outros espaços virtuais que discutem o tema. Raras são as exceções que contribuem com informações pertinentes e discursos mais caracterizados pelo equilíbrio entre as três dimensões da sustentabilidade mais comumente encontradas na literatura: econômica, social e ambiental. Essa evidência pode, em longo prazo, desgastar o meio uma como forma de disseminar informação.

Confirma-se o aspecto desordenado da internet, um território onde as pessoas podem falar sobre todo e qualquer assunto. Isso fica retratado nas definições e nas discussões das comunidades estudadas. A existência de mediadores poderia ajudar a melhorar esta situação, mas percebe-se que essa figura não atua com frequência. As comunidades têm “donos” ou “owners”, que permitem a inclusão de todos os temas e enquetes, sem se preocuparem com a coerência. Um estudo detalhado sobre o perfil desses mediadores poderia contribuir para o aprofundamento do tema.

O estudo reafirma também a existência de temas inúteis ou inócuos em relação à contribuição para o desenvolvimento do campo da sustentabilidade. Por outro lado, conforme constatado, quase 80 mil pessoas agregaram-se em comunidades sobre ele. Isso, por si só, é um indicador da utilidade do tema e da importância que ele ganha na sociedade. Por mais que o conteúdo esteja longe do aprofundamento necessário, o conceito está fortemente presente.

O estudo considerou apenas uma rede de relacionamento, o orkut, que congrega milhões de usuários no Brasil. Essa é uma de suas limitações, uma vez que existem diversas outras redes na internet, como LinkedIn, Plaxo, Facebook, Windows Live, Via 6. A inclusão delas poderá gerar novas reflexões no futuro. As delimitações adotadas também restringem algumas análises, como, por exemplo, a barreira de língua. Muitas pessoas participam em comunidades internacionais.

O poder da internet enquanto ferramenta para a difusão de conceitos e troca de conhecimentos é inegável e muitos outros estudos podem ser feitos, inclusive por meio de uma participação mais ativa, como por exemplo, a inserção de temas em fóruns provocando

discussões ou a inserção de enquetes que possam indicar possíveis caminhos de pesquisa ou busca por definições.

Tanto na mídia quando na internet ou no mundo corporativo, o conceito de sustentabilidade está em fase de amadurecimento. E como tal, existe ainda muito espaço para pesquisa e participação. O presente estudo contribui para despertar a atenção sobre a forma como ele vem sendo discutido no mundo virtual, para além das fronteiras da academia e da mídia.

## Referências

BACCEGA, M. A. *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo: Ática, 1995.

BARBIERI, J. C. *Desenvolvimento e meio ambiente: as estratégias de mudanças da Agenda 21*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERGO, L.; REIS, V. A. Segmentação dos movimentos sociais no site de relacionamentos Orkut. *Revista Contemporânea*, n. 42, 2008. Disponível em [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_10/contemporanea\\_n10\\_bergo.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_10/contemporanea_n10_bergo.pdf). Acesso em 5 de julho de 2009.

CAINCROSS, F. UNCED. Environmentalism and Beyond. *The Columbia Journal of World Business*, Fall & Winter, 1992. Disponível em <http://find.galegroup.com>. Acesso em 5 de agosto de 2009.

CLARO, P. B. O.; CLARO, D. P.; AMÂNCIO, R. Entendemos sustentabilidade em sua plenitude. Análise de fatores que influenciam a interpretação do conceito. In: XXIX ENCONTRO ANPAD, 2005, Brasília. *Anais... (CD-Rom)*. Brasília: 2005.

CUOCO, L. G. A.; TOSINI, M. F. C.; VENTURA, R. C. F. Carbono social: desenvolvimento sustentável via mecanismo de desenvolvimento limpo? In: XXX ENCONTRO ANPAD, 2006, Salvador. *Anais... (CD-Rom)*. Salvador: 2006.

EGRI, C. P.; PINFIELD, L. T. As organizações e a biosfera: ecologia e meio ambiente. In: CLEGG, S.R.; HARDY C.; NORD, W.R. *Handbook de estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas, 1998

ESTENDER, A. C.; PITTA, T. T. M. O conceito do desenvolvimento sustentável. *Revista Terceiro Setor*. Guarulhos, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em <http://revistas.ung.br/index.php/3setor/article/>

viewFile/399/484. Acesso em 25 de julho de 2009.

ENRIQUEZ, E. Os desafios éticos nas organizações modernas. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 6-17, abr./jun. 1997.

GUIMARÃES, R. P. A. Ecopolítica da sustentabilidade em tempos de globalização corporativa. In: GARAY, I. ; BECKER, B. *Dimensões humanas da biodiversidade: o desafio das novas relações sociedade-natureza no século XXI*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

HALL, S. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MEADOWS, D. H.; MEADOWS, D. L.; RANDERS, J. *Beyond the limits: confronting global collapse, envisioning a sustainable future*. Vermont: Chelsea Green Publishing Company, 1992.

PAEHLKE, R. Sustainability as a bridging concept. *Conservation Biology*. v. 19, n. 1, p. 36-38, February 2005.

PERUZZO, CMK. Comunidades em tempo de redes. In: *VI ENDICOM*, Montevidéo, Uruguai, 2001. Disponível em [http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/comunidades\\_em\\_tempos\\_de\\_redes.pdf](http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/comunidades_em_tempos_de_redes.pdf). Acesso em 5 de julho de 2009.

QUÉAU, P. Cibercultura e info-ética. In: MORIN, E. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

RATTNER, H. Sustentabilidade: uma visão humanista. *Ambiente e Sociedade*. n. 5, São Paulo, Unicamp, p. 233-240, 1999.

RECUERO, R. Considerações sobre a difusão de informações em redes sociais na Internet. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul*, 2007. Passo Fundo (RS). Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0464-1.pdf>. Acesso em 5 de julho de 2009.

RECUERO, R. Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no orkut e nos weblogs. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 28, dez. 2005. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/454>. Acesso em 5 de julho de 2009.

SACHS, I. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

VATTIMO, G. *A sociedade transparente*. Lisboa, Relógio D'Água, 1992.

VEIGA, J. E. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.